

RELAÇÕES EMPÁTICAS, ENGAJAMENTOS SOLIDÁRIOS

EMPATHIC RELATIONSHIPS, SOLIDARY ENGAGEMENTS

José Alves de Souza Filho

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA)

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9181095827118639>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8059-9196>

E-mail: josefilhoss@gmail.com

Seção Livre: Resenha

Recebido em: 11 de Junho de 2023

Aceito em: 24 de Agosto de 2023

TASSINARI, M.; DURANGE, W. **Empatia**: a capacidade de dar luz a dignidade humana. Curitiba: CRV, 2019.

Quais os potenciais de solidariedade da empatia nas relações humanas contemporâneas? A questão emerge do livro “Empatia: a capacidade de dar luz a dignidade humana”, organizado por Márcia Tassinari e Wagner Durange, publicado pela editora CRV, em 2019. Uma coletânea de trabalhos de psicólogos filiados a Abordagem Centrada na Pessoa, que compartilham atitudes e intervenções empáticas por diferentes construções teórico-metodológicas.

Uma das três atitudes facilitadoras, junto da autenticidade e aceitação positiva incondicional, a empatia figura como movimento de proximidade do terapeuta junto da experiência do cliente, do quanto pode subjetivamente experimentá-la tanto o quanto o Outro vive a sua própria experiência. Segundo Rogers (2009, p. 47), uma “compreensão empática profunda que me possibilita ver seu mundo particular através de seus olhos”. Mobiliza o terapeuta a (re)conhecer o mundo do cliente para comunicá-lo empaticamente suas mobilizações e dinâmicas subjetivas para uma maior conscientização de sua experiência pessoal no mundo. O livro traz figurações que amplificam o construto

rogeriano, a saber: elementos conceituais da empatia, atuações psicoterapêuticas amplificadas e projeto empáticos no mundo. Também trazemos nossa questão dos efeitos inter-humanos da empatia para um mundo solidário.

Ao situar-nos no contemporâneo, no prefácio “Abertura à empatia”, O’Hara discute a empatia como ingrediente-chave das relações humanas, enquanto elo de contato/cuidado mútuo no reconhecimento pessoal e social dos indivíduos, desde construção de personalidade à inclusão nas redes comunitárias e coletivas. Compreendendo a construção da autonomia humana, não pela independência de vínculos afetivos e emocionais, mas pela consciência holística das condições e capacidades de construções pessoais por/no mundo que existimos. Em “Neurônios e Empatia”, Tassinari e Durange apontam as estruturas orgânicas do homem para relações empáticas. Longe de um biologicismo essencialista, as reflexões atinam as potencialidades dos processos sensorceptivos nas relações humanas, tendo o Outro próximo de nossa pessoalidade, especialmente o quanto as potencialidades de nosso organismo correspondem a proatividade social. Sobre esse aspecto, em “Empatia social” de O’Hara, as estruturas de socialização do mundo mobilizam as condições holísticas de vida humana, o quanto as relações com o Outro mobilizam as relações consigo mesmo.

Logo, a compreensão psicoterapêutica da empatia ultrapassa a acepção clássica da experiência do “como se fosse o Outro”, trazendo à tona outros efeitos clínicos para a mudança de nossa pessoalidade. No capítulo “Empatia”, Nery faz uma exegese etimológica que permite uma acurada compreensão sobre o deslocamento para o mundo do Outro, onde o “como se” torna um experimentar com o cliente, implicado por ele e implicando-o. A partir de então, segundo Buys em “Empatia e Psicoterapia”, temos a construção da autonomia do cliente, quando o conhecer empático do terapeuta situa-o na apropriação de seus recursos psicológicos e existenciais. Para tanto, trabalho empático exige do terapeuta conhecimentos psicossociais do mundo enquanto recursos para viabilizar que o próprio cliente possa construir novos aprendizados significativos. A empatia se configura pelo engajamento do terapeuta com o cliente, como bem discute Gomes em “Reflexões sobre os limites e possibilidades de empatia na escuta de mulheres negras”.

Ultrapassando a atmosfera da psicoterapia, as implicações da empatia alcançam também dimensões psicossociais. Em “Empatia e Educação”, Insfrán discute os processos

escolares para além dos contornos técnico-instrumentais, reivindicando a escolarização fundamentada pela qualidade e significância das relações subjetivas, especialmente por valores de generosidade, permissividade e positividade. São esses valores que Thobias reivindicam para a empatia como modo de socialização e reconhecimento do Outro enquanto condições construtivas dos homens e da sociedade, em “Expandindo a Empatia”. São construções materializáveis/praticáveis dentro de nossos contextos sociais conceituados de “Projetos Empáticos”, que também intitula o capítulo de Tassinari e Durange. São intervenções que tornam a empatia um valor e experiência humana a ser cultivada e sedimentada enquanto práticas de sociabilidades, a saber: psicoterapia, plantão psicológico, educação, praticas restaurativas/mediadoras e estratégias de comunicação.

Dentre as diferentes questões aludidas, singularmente inquieta-nos o quanto as reflexões sobre positividade e construtividade das relações humanas possam ser discutidas somente pela empatia. Não se trata desmerecê-la, mas reconhecer que suas práticas dialógicas e bipessoal são transponíveis para processos comunitários, institucionais e grupais. As reflexões da possibilidade da empatia enquanto movimento de proximidade experiencial do Outro discutidas ultrapassam a significação de dialogicidade bipessoal e traz elementos sobre os elos inter-humanos, especialmente no quanto fortalecem os compromissos de segurança e responsabilidade comunitária. Por essas potencialidades teóricas, sobre as condições de sociabilidade entre os homens, não caberia aos estudiosos da Abordagem Centrada na Pessoa agregar suas reflexões psicoterapêuticas juntos de discussões sobre os contornos ético-políticos de solidariedade? De modo especial, não teríamos com o construto da solidariedade discussões por quais projetos políticos teríamos ampliação de maior espaço para muitos outros serem incluídos? Da empatia que enriquece bipessoalidade, possam tomar a solidariedade como construto teórico para enriquecer a responsabilidade metodológicas de uma abordagem centrada na pessoa, onde as compreensões do centramento ultrapassem o movimento de imersão da intimidade e também possam ser ações de maior inclusão nas relações humanas no mundo social.

REFERÊNCIAS

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COMO CITAR

SOUZA FILHO, José Alves de. Relações empáticas, Engajamentos solidários. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v.6, n.2, p. 208-211, 2023.